

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

Problematizando o conceito ocidental de tempo a partir das contribuições da Filosofia e cosmopercepção Africana.

K. F. S. Balani, G. S. Santos

¹ Aluno do Curso de Informática Integrado ao Ensino Médio, IFSP, Campus Birigui, b.kaue@aluno.ifsp.edu.br

² Professor de Filosofia dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, IFSP, Campus Birigui, genivaldo@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.01.04.00-0 Filosofia

RESUMO: A cosmovisão ocidental consolidou-se como absoluta, silenciando assim outros saberes provindos de outras matrizes culturais, certamente em um movimento de violência e dominação ocorridos durante o período colonial. Por isso, a necessidade de estudos e pesquisas que levem em consideração essas alteridades culturais na produção do conhecimento científico contemporâneo desconstruindo preconceitos e ampliando nossa compreensão de outras cosmopercepções. Dessa forma, este projeto busca, em sua essência, examinar outras formas de pensar o conceito de tempo, em especial a partir da cosmopercepção temporal espiralar africana, em relação a cosmovisão ocidental, assim utilizando a metodologia hermenêutica que, por sua vez, visa uma interpretação mais adequada do fenômeno, colaborando na problematização do conceito atual de tempo e comparando os efeitos sociais e culturais de ambas as concepções, contribuindo para o diálogo intercultural sobre o conceito de tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Tempo espiralar; Cosmopercepção africana; cosmovisão ocidental.

Problematizing the linear/Western concept of Time based on the contributions of African Philosophy and cosmoperception

ABSTRACT: The Western worldview has established itself as absolute, thereby silencing other forms of knowledge originating from other cultural matrices, certainly in a movement of violence and domination that occurred during the colonial period. For this reason, there is a need for studies and research that take these cultural differences into account in the production of contemporary scientific knowledge, deconstructing prejudices and broadening our understanding of other worldviews. Thus, this project seeks, in essence, to examine other ways of thinking about the concept of time, especially from the African spiral temporal cosmoperception, in relation to the Western worldview, thus using hermeneutic methodology, which, in turn, aims at a more adequate interpretation of the phenomenon, collaborating in the problematization of the current concept of time and comparing the social and cultural effects of both conceptions, contributing to intercultural dialogue on the concept of time.

KEYWORDS: Time; Spiral time; African cosmoperception; Western cosmovision.

INTRODUÇÃO

Conforme explicita Byung-Chul Han em sua obra *Sociedade do cansaço* (Han 2015), atualmente exaltamos, de forma problemática, o desempenho como absoluto, algo que se deve alcançar acima de qualquer coisa. Esse pensamento foi construído através da ideia de tempo linear, que posteriormente acarretou no controle do tempo, evidenciado pela medição do mesmo e atribuição de

atividades baseadas em horários. O controle do tempo não é necessariamente problemático, mas pode se tornar quando não considera as necessidades humano-biológicas. Por isso, torna-se importante uma interpretação de tempo intercultural, que seja compatível com as complexidades e necessidades da nossa realidade atual. O presente trabalho visa problematizar a concepção linear ocidental de tempo a luz da cosmopercepção africana. Desta forma, realizaremos uma análise tanto da cosmovisão ocidental, quanto da cosmopercepção africana, e em seguida realizaremos uma comparação crítica entre ambas a fim de ampliarmos nossa compreensão acerca desse fenômeno.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa iniciou-se com uma análise da cosmovisão ocidental de tempo a partir das referências mais importantes das diferentes fases da história da filosofia. Dessa forma, foram escolhidos cinco principais pensadores: Anaximandro de Mileto (período antigo), Agostinho de Hipona (período medieval), Immanuel Kant (período moderno), Martin Heidegger (período contemporâneo) e Henri Bergson (período contemporâneo).

Por conseguinte, a pesquisa encaminhou-se para o estudo da cosmopercepção africana de tempo, em que se utilizou como principal fonte de referência o livro de Leda Martins (2021): *Performances do tempo espiralar; poéticas do corpo-tela, com resultados ainda parciais*.

Metodologicamente, foi utilizado o método hermenêutico gadameriano, pois ele considera o contexto histórico, social e linguístico do texto para uma interpretação coerente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período pré-socrático, na Grécia Antiga, os filósofos focaram seus interesses para a cosmologia, buscando assim uma substância primordial (responsável por gerar todas as outras) denominada *arché* (Spinelli, 1998). Um desses filósofos, Anaximandro de Mileto, trouxe uma interpretação distinta das demais. Em sua interpretação a *arché* não seria uma substância convencional, como água, fogo, terra ou ar, mas um conjunto de todas essas em uma única substância indefinida, chamada *ápeiron*. Segundo Spinelli (1998), para Anaximandro, o *ápeiron* torna-se definido e colapsa para uma determinada substância, pois existe uma injustiça responsável por fazer uma das substâncias sobrepor às outras, entretanto essa injustiça não pode ser eterna, por isso o tempo é responsável por fazer a transição de uma sobreposição para outra. Em conclusão, Anaximandro acreditava que o tempo possuía um papel fundamental na composição do universo, pois seria ele o responsável por evitar que os entes sejam eternos, ou seja, ele tornaria possível a transição e modificação dos entes.

Evidentemente, Anaximandro possuía uma interpretação objetiva de tempo, em que o mesmo seria homogêneo em todo o universo, entretanto outro filósofo criticaria essa visão: Agostinho de Hipona, nascido em 354, durante um período em que a igreja católica era responsável por direcionar a sociedade, devido a crises no império romano. Partindo sua filosofia de um misto entre fé e razão, ele procurava explicar a natureza do mundo, do homem e de Deus (Amaral, 2012). Sua interpretação de tempo criticava a objetividade com que ele era tratado, pois todos sabemos o que é o tempo, mas não conseguimos explicá-lo, essa característica demonstra subjetividade. De acordo com Amaral (2012), Agostinho acreditava que o tempo seria a característica que diferencia o ser eterno (Deus) dos seres finitos, pois Deus, por não estar à mercê do tempo, seria imutável, diferentemente dos humanos que são mutáveis graças ao tempo. Ainda, ele acreditava que o tempo, por ser subjetivo, não poderia ser medido completamente a partir de métodos objetivos, mas apenas a partir da alma.

Percebe-se que, a partir deste ponto, a concepção filosófica ocidental de tempo torna-se cada vez mais subjetiva. Kant, um professor de metafísica do século XVIII, que se tornaria um dos principais filósofos da Modernidade filosófica, viveu durante um período em que havia diversas críticas à metafísica, por isso, quando deparou-se com a filosofia de Hume, que acreditava que qualquer conclusão deveria se basear em experiências empíricas e nunca na racionalidade pura como fazia a metafísica, quis pesquisar sobre epistemologia para defender seu campo de estudo (Lebrun, 2019). Dessa maneira, Kant chegou a conclusão de que todo conhecimento possui origem na experiência, entretanto que nem toda a sua extensão possui origem nela, pois existiriam condições *a priori* responsáveis por permitir que a experiência se torne conhecimento. Uma das condições *a priori* seria justamente o tempo (Silveira, 2002). Em suma, para Kant o tempo é uma das condições *a priori* subjetivas ao humano, é uma estrutura usada inconscientemente pelo humano para gerar e organizar conhecimentos.

Após Kant, a concepção filosófica ocidental de tempo construiu uma relação intrínseca com o ser. Martin Heidegger (2024), aflito com a escassez de definições para o conceito de ser, contrariou a ontologia de sua época para tentar qualificá-lo. Em sua época, os filósofos não se preocupavam em estudar esse conceito, pois acreditavam que ele já era suficientemente fundamentado, o que Heidegger discordava. Um dos argumentos utilizados por ele para evidenciar que o conceito deveria ser melhor estudado era que a própria pergunta “O que é o ser?” pressupõe o entendimento desse conceito (Heidegger, 2024). Dessa forma, Heidegger postulou um ser inicial como ponto de partida, o *dasein*, termo esse que se refere ao questionador. Ao compreender o *dasein*, ele compreenderia o ser. Para isso Heidegger utilizou uma abordagem ontológica relativa ao tempo, ou seja, utilizou do tempo como ferramenta para classificar o ser, pois para ele o ser seria, antes de tudo, temporal.

Heidegger via o tempo como o horizonte a partir do qual o ser se torna inteligível, entretanto, enquanto Heidegger buscava compreender o ser a partir do tempo, Bergson buscou compreender o próprio tempo. Henri Bergson viveu durante o intervalo entre os anos 1859 e 1941. Ele criticava a ideia de Kant do tempo como condição *a priori* da racionalidade, pois acreditava que o tempo seria qualitativo e heterogêneo. Em seu período, a ciência e a filosofia estavam separadas, pois muitos acreditavam que a ciência seria o único caminho para a verdade, o que Bergson também criticava, afinal a ciência não poderia compreender objetos qualitativos e heterogêneos, como o tempo. Durante suas reflexões, ele fundou o termo *durée*, compreendido como o fluxo contínuo e indivisível da consciência. Em suma, para Bergson o tempo poderia apenas ser compreendido pelo ser a partir da *durée*, pois trata-se de uma realidade inquantificável e íntima da experiência subjetiva.

A partir de uma abordagem intercultural, torna-se perceptível a importância da linguagem como conceito fundamental em relação ao tempo. A linguagem não é apenas um exercício de comunicação, mas um exercício de comunicação através do tempo, pois sempre que utilizamos da linguagem, transmitimos as experiências que obtivemos no passado para alguém no presente - em caso de uma conversa em tempo real - ou no futuro - em caso de um registro. Dessa forma, é possível interpretar a linguagem também como uma maneira de registrar temporalmente experiências, com o objetivo de comunicá-las.

Graças à tirania da cosmovisão ocidental, por muito tempo a escrita foi considerada a única, ou mais importante, forma de registrar experiências, entretanto percebe-se que isso não é verdade. Outras maneiras de registrar experiências foram, e ainda são, utilizadas por diversas culturas, por exemplo as tradições, que são muito comuns dentre as culturas africanas.

A tradição é um conceito fundamental para compreender a cosmopercepção africana, pois é a partir dela que ocorre o registro de experiências e transmissão de ideias. Entretanto, é necessário esclarecer que a tradição não se resume à ideia do senso comum. De acordo com Aguessy:

[...] a tradição, contrariamente à ideia fixista que se tem dela, não poderia ser a repetição das mesmas seqüências; não poderia traduzir um estado imóvel da cultura que se transmite de uma geração para outra. A actividade e a mudança estão na base do conceito de tradição (Aguessy, 1980, p. 105).

Dessa maneira, Aguessy (1977) confirma que a tradição não repete os mesmos padrões da mesma forma, mas, pelo contrário, segue a favor do fluxo temporal. Concluimos então, que a tradição não se trata apenas de uma forma comunicativa, mas também de um movimento para transmitir, renovar e criar saberes tão complexo quanto a escrita.

CONCLUSÕES

Quanto à filosofia ocidental de tempo, percebe-se um aumento da subjetividade com o passar dos séculos. No período pré-socrático, o tempo era considerado homogêneo e exterior ao humano, contendo assim maior objetividade. Na idade média, Agostinho considerou o tempo como propriedade dos seres não-divinos e, por sua medição ser a partir da alma, subjetivo. Já Kant, o considerou subjetivo - por ser uma condição *à priori* - e homogêneo. Heidegger construiu uma relação entre ser e tempo, tornando-o ainda mais subjetivo. Por fim, Bergson considerou o tempo como subjetivo e heterogêneo. Dessa forma, é possível afirmar uma convergência do tempo como subjetivo na filosofia

ocidental, pois conforme nos aproximamos da contemporaneidade, mais abstrato, subjetivo e relativo ao ser, se tornava o conceito de tempo.

Já quanto à cosmopercepção africana, ainda não há muito o que afirmar, pois a pesquisa ainda não está completa, entretanto percebe-se que para compreendê-la é necessário a compreensão do papel da linguagem em relação ao tempo e o papel das tradições em suas culturas.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro que tornou este estudo possível.

REFERÊNCIAS

AGUESSY, Honorat. *Visões e percepções tradicionais*. In: SOW, Alpha I.; BALOGUN, Ola et alii. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 95-135.

AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina de; PEREIRA, Crislene Silva. O tempo e a eternidade em Santo Agostinho. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas–MG–Brasil–Nº*, 2012.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Edipro, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Minerva Heritage Press, 2024.

LEBRUN, Gérard. *Sobre Kant*. Iluminuras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A teoria do conhecimento de Kant: o idealismo transcendental. *Caderno brasileiro de ensino de física*. Florianópolis. Vol. 19, nesp.(jun. 2002), p. 28-51, 2002.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega**. EdIPUCRS, 1998.